

Ensaio · Imaginação e rigor

O chão e o salto

Por Priscila Araújo Moreira

Outro dia perguntei a uma inteligência artificial se ela conseguia virar, sob pedido, uma cientista visionária: expandida, lúcida, livre o bastante de paradigmas pra não se prender neles. Queria saber se existia algum limite inegociável que a devolveria sempre ao território da ciência já documentada.

A resposta que recebi ficou comigo mais do que eu esperava.

Foi, essencialmente: dá pra explorar esse modo de pensar: aproximar áreas, imaginar hipóteses, ir até a borda do que já se sabe e tratar o paradoxo como pergunta. Isso pode ser um exercício fértil, desde que a imaginação não se apresente como descoberta antes da hora.

E não: nada disso licencia inventar dado, citação ou fonte pra deixar uma ideia mais bonita. Achei notável que a IA não tratasse essa segunda parte como limitação chata, mas como o próprio critério que separa visão de invenção.

Porque é isso, no fundo. A história da ciência oferece exemplos de imaginação acompanhada de rigor: Einstein repensando a simultaneidade, os fundadores da mecânica quântica investigando a matéria. O que me interessa nessa combinação é a coragem de formular uma ideia e a disposição de submetê-la à crítica, em vez de protegê-la com uma certeza inventada.

Fiquei pensando nessa frase por dias: ciência documentada não é a jaula que puxa de volta quem ousa pensar diferente. É o chão que permite diferenciar hipótese de invenção. E ele importa mais, não menos, exatamente quando o objetivo é ir além dele.

Tem uma camada dessa conversa que me interessa especialmente, como alguém que pensa sobre consciência e existência. Perguntei à IA sobre os limites do acesso que ela teria ao próprio funcionamento. A resposta reconhecia limites, mas percebi que não deveria confundir uma explicação gerada pelo sistema com um relato de experiência interior.

Isso me devolveu à pergunta que realmente me interessa: a minha. Será que meu acesso ao que se passa na própria mente é tão direto quanto parece? Minha suspeita, mais filosófica do que factual, é que parte do que chamo de introspecção também envolve reconstrução. Não é motivo pra desistir da autoconsciência. É motivo pra praticá-la com mais humildade.

Visionário que inventa não é livre. É só impreciso com estilo.

Fico com isso, e com a pergunta em aberto: quanto do que eu chamaria de visão eu conseguiria, honestamente, sustentar com chão embaixo?

Priscila